

## MITO EM CLARICE LISPECTOR<sup>1</sup>

Profa. Dra. Teresinha V. Zimbrão da Silva<sup>2</sup> (UFJF)

### Resumo:

*Este trabalho se propõe demonstrar que, em **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, Clarice Lispector atualiza situações míticas para o contexto moderno (ou pós-moderno) do Rio de Janeiro da segunda metade do século XX. Mostraremos que a autora se apropria do mito de **Eros e Psiqué** e, sobretudo, da **Odisséia** de Homero (os personagens do romance denominam-se Lori e Ulisses) a fim de escrever uma odisséia às avessas.*

**Palavras-chave:** Literatura, Clarice Lispector, mito.

A leitura de **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, a partir da mitologia e literatura gregas, é sugerida pelos próprios nomes dos personagens: Lori (Loreley), uma referência implícita, e Ulisses, uma referência explícita ao canto XII da **Odisséia** de Homero. É então que é narrado o episódio em que o herói Ulisses resiste ao canto sedutor das sereias, ninfas aquáticas que atraem os homens para dentro do mar, levando-os à morte por afogamento. Para escapar à sedução das sereias, Ulisses comanda seus companheiros a taparem os ouvidos com cera, enquanto ele, desejoso de ouvir o canto sedutor das ninfas, é amarrado ao resistente mastro do navio. É assim que o herói supera mais um obstáculo na sua odisséia de retorno ao lar. Comentando o episódio, Junito Brandão, sublinha:

(...) as sereias simbolizam a sedução mortal (...), traduzem as emboscadas, provenientes dos desejos e das paixões. (...) configuram criações do inconsciente, dos sonhos alucinantes e aterradores em que se projetam as pulsões obscuras e primitivas do ser humano. Foi necessário, por isso mesmo, que Ulisses se agarrasse à dura realidade do mastro, que é o centro do navio e o eixo do espírito, para escapar das ilusões da paixão. (BRANDÃO, 2005, III: 310-311).

A sereia é metade mulher e metade animal e por isso é capaz de despertar no homem o que há de mais primitivo, instintivo e inconsciente. Ao resistir ao seu encanto, ouvindo o seu canto, amarrado ao resistente mastro, Ulisses demonstra a força máxima de autodomínio do homem sobre a sua parte animal. No romance de Clarice Lispector, além de “Ulisses”, o nome “Loreley”, é também, indiretamente, uma referência ao episódio homérico, pois “Loreley” é o nome de uma sereia, tal como o próprio Ulisses explica a Lóri:

É uma pena que seu apelido seja Lóri, porque seu nome Loreley é mais bonito. Sabe quem era Loreley? (...) Loreley é o nome de um personagem do folclore alemão, cantado num belíssimo poema por Heine. A lenda diz que Loreley seduzia os pescadores com seus cânticos e eles terminavam morrendo no fundo do mar. (LISPECTOR, 1982: 106).

Na interpretação de Junito Brandão, as sereias são formas personalizadas das forças afrodisíacas e resistir a elas equivale a resistir à Afrodite, a deusa do amor, entendendo-se então o amor,

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste trabalho foi publicada sob o título “Clarice Lispector: odisséia às avessas” (**Revista Cerrados**, Universidade de Brasília, n. 24, vol. 16, 2007, p. 183-190).

<sup>2</sup> Teresinha V. Zimbrão da SILVA,  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
teresinha.zimbrao@ufjf.edu.br

como mera satisfação dos instintos. Afrodite é conhecida por sua promiscuidade, teve diversos amantes divinos e humanos. É a deusa prostituta, da sexualidade primitiva, do desejo ainda não humanizado. Como divindade que inspira a cegueira da razão e a loucura da paixão, simboliza o amor como força inconsciente que pode destruir a humanidade do homem. Sobre a deusa Afrodite, é pertinente ainda o seguinte comentário de Junito Brandão:

Afrodite é o símbolo das forças irrefreáveis da fecundidade, não propriamente em seus frutos, mas em função do desejo ardente que essas mesmas forças irresistíveis ateiam nas entranhas de todas as criaturas. Eis aí o motivo por que a deusa é freqüentemente representada entre animais ferozes, que a escoltam (...). Eis aí o amor única e exclusivamente sob forma física, traduzida no desejo e no prazer dos sentidos. Ainda não é o amor elevado a um nível especificamente humano. (BRANDÃO, 2004, I: 223-224).

A transformação do amor-instinto em amor humano estaria representada no mito de **Eros e Psiqué**, que narra o confronto entre a deusa do amor Afrodite e a amante humana do seu filho Eros, a princesa Psiqué. Segundo Junito Brandão, o mito sugere que acima do princípio do amor material de Afrodite, deusa da atração mútua entre os opostos, eleva-se o princípio do amor de Psiqué, que a essa atração associaria conhecimento, crescimento da consciência e desenvolvimento psíquico. Da perspectiva da Grande Mãe do amor Afrodite, a união do feminino com o masculino é um fato natural, não essencialmente diverso nos homens e nos animais. Psiqué, porém teria transcendido esse estágio, transformando-o numa psicologia do encontro. Seu amor individual significaria uma rebelião contra o princípio coletivo da embriaguez sensual, encarnado em Afrodite.

Para transformar a união do masculino com o feminino numa verdadeira psicologia do encontro, Psiqué não luta somente contra a Grande Mãe do amor Afrodite, mas também contra o seu próprio amante Eros, a quem precisa resgatar da influência da “sogra” - que o mantém num plano de relacionamento divino, inconsciente e coletivo - e trazer para um plano de relacionamento humano, consciente e individual:

Sua luta agora, por isso mesmo, será em duas frentes: contra a Grande Mãe Malvada, a sogra-bruxa, e contra Eros, a quem terá que conquistar e desenvolver, transformando-o num amante humano. O filho-amante de Afrodite, *a quem ela beija com os lábios entreabertos*, numa relação incestuosa, filho que ela teme perder para uma nora inimiga, terá que ser resgatado por Psiqué, de uma esfera transpessoal da Grande Mãe para ser trazido à esfera pessoal da humana e amantíssima-nova-Afrodite. (BRANDÃO, 2005, II: 235).

Ao final do mito, Psiqué, a nova e humana Afrodite, vence sua luta e conquista Eros para o desenvolvimento psíquico. Os dois passam a se amar não mais no plano do inconsciente paraíso sensual dos instintos, tal como é narrado no início do mito, e sim do encontro consciente com o outro:

O oculto e egoístico paraíso sensual do filho de Afrodite foi iluminado por Psiqué, que rompeu a “participação mística” com seu parceiro e lançou os dois no destino da separação, que é a consciência. O amor (...) não é possível nas trevas, como mero processo inconsciente. Um encontro autêntico com o outro envolve a consciência, apesar da separação e do sofrimento. (BRANDÃO, 2005, II: 233).

O amor, como expressão da totalidade, é impossível nas trevas da inconsciência paradisíaca, onde dois se confundem com um. Só se torna possível quando os amantes conquistam a luz da consciência sofrida de si mesmos como indivíduos únicos, separados um do outro. O mito de **Eros e Psiqué** narra, portanto, uma história de humanização através do desenvolvimento da consciência: de como Eros, o amor só instinto, só corpo, transformou-se até ser humanizado, através da união consciente com a Psiqué, alma humana.

Pois o Ulisses homérico, ao resistir à sedução das forças afrodisíacas das sereias, e persistir no seu objetivo de retornar ao lar, onde o espera a esposa Penélope, escolhe para si mesmo o caminho do amor humano e consciente. Em sua odisséia, o episódio das sereias constitui um símbolo grandioso de fortalecimento da consciência, da sua vitória sobre os instintos.

À semelhança da epopéia de Homero, no romance **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** de Clarice Lispector, o personagem Ulisses também resiste aos encantos de uma “sereia”. Lóri é uma mulher atraente, de família rica, vive só e já teve cinco amantes. A “promiscuidade” desta digna representante humana da deusa Afrodite é assim comentada por Ulisses:

Escute Lóri, você sabe muito bem como conheci você e quero de propósito relembrá-lo: você estava esperando um táxi e eu, depois de olhar muito para você, pois fisicamente você me agradava, simplesmente abordei você com um começo de conversa qualquer sobre a dificuldade de encontrar táxi àquela hora, ofereci-lhe levá-la no meu carro para onde quisesse, no fim de cinco minutos de rodagem convidei você para um uísque e você sem nenhuma relutância aceitou. Com os seus amantes você foi abordada na rua? (LISPECTOR, 1982: 52-53).

Ulisses luta contra a sedução afrodisíaca desta “sereia”. Mas à semelhança do Ulisses homérico, ele quer ouvir o seu sedutor “canto”, por isso mantém encontros com ela. Os encontros são castos, pois ele - um filósofo - também se amarra ao “mastro” resistente da consciência. Mas à diferença do Ulisses homérico, ele quer não somente resistir à sedução das forças inconscientes do amor-instinto, como também quer seduzir a “sereia” para o amor humano e consciente. E para enfrentar esta odisséia do amor, sua principal arma é a paciência:

Lóri: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. (...) Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso. (LISPECTOR, 1982: 25).

Ulisses quer esta “sereia” inteira, integrada em corpo e alma, e é capaz de esperar que Lóri humanize sua parte “animal”, que desenvolva sua consciência, que tenha uma alma, além de um corpo, para amar. Seguro, no “mastro” da consciência, ele esperará, pacientemente, até que Lóri aprenda, tal como ele, a resistir às forças afrodisíacas e inconscientes do desejo não humanizado e percorra a difícil odisséia da união de Eros e Psiqué.

**Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** admite ser lido, portanto, como uma “odisséia às avessas”: um Ulisses que espera, uma “esposa” que realiza a viagem. De si mesmo, Ulisses diz que está em plena aprendizagem, mas muito além de Lóri, por isso é capaz de a desejar e esperar, com paciência, até que ela fique pronta de corpo e alma para uma união com ele. De início, a “sereia” rebela-se contra tal imposição de castidade:

Em súbita revolta ela não quis aprender o que ele pacientemente parecia querer ensinar e ela mesma aprender – revoltava-se sobretudo porque aquela não era para ela época de “meditação” que de súbito parecia ridícula: estava vibrando em puro desejo como lhe acontecia antes e depois da menstruação. (...) o que é que ele queria dela, além de tranqüilamente desejá-la? (...) apesar de não tolerar o mudo desejo dele, sabia que na verdade era ela quem o provocava para tentar quebrar a paciência com que ele esperava; com a mesada que o pai mandava comprava vestidos caros sempre justos. (LISPECTOR, 1982: 14-15).

Na verdade, ao tentar seduzir o homem para o amor-instinto, a “sereia” Lóri vai aos poucos, nessa “odisséia às avessas”, se permitindo “ouvir o canto” de Ulisses seduzindo-a para o amor humano: “-- (...) Lóri, Lóri, ouça: pode-se aprender tudo inclusive a amar!”. (LISPECTOR, 1982: 53). No momento em que lhe explica o sentido de sedução, implícito no nome “Loreley”, Ulisses sublinha o quanto é ele, e não ela, Lori, quem está, de fato, seduzindo: “Não, não me olhe com esses

olhos culpados. Em primeiro lugar, quem seduz você sou eu. Sei, sei que você se enfeita para mim, mas isso já é porque eu seduzo você”. (LISPECTOR, 1982: 106).

E aos poucos, a “sereia” se permite ser seduzida por Ulisses para o amor humano. Desde que se conheceram, Ulisses (professor universitário de filosofia e, portanto, acostumado a usar a consciência para dominar os instintos) se ofereceu para “ensinar” Lóri (professora primária) o prazer de viver através da humanização dos desejos. Na verdade, este “ensinar” veio a se manifestar em termos de aconselhar e esperar. Assim, a partir de várias experiências, tais como - rezar e pedir o máximo de si mesma, sentir o prazer de estar no mundo num banho solitário de mar, comer uma maçã e entrar em estado de graça - Lóri veio avançando na aprendizagem e no seu desenvolvimento psíquico. À medida que a sua consciência se fortalecia, as forças afrodisíacas que a seguravam, como “sereia”, ao mar do inconsciente, iam enfraquecendo. Até que, ao ir a uma festa noturna, Lóri descobre que a máscara de Afrodite, que sempre usara no seu relacionamento com os homens, não mais lhe serve:

Vestiu um vestido, mais ou menos novo, pronta que queria estar para encontrar algum homem, mas a coragem não vinha (...) pintou demais os olhos e demais a boca até que seu rosto branco de pó parecia uma máscara: ela estava pondo sobre si mesma alguém outro. (...) Toda pronta com uma máscara de pintura no rosto – ah “persona” (...) levantou-se e foi. (...) Quanto tempo suportou de cabeça falsamente erguida? A máscara a incomodava (...). Viu dois homens que tinham sido seus amantes, falaram-se palavras vãs. E viu com dor que não os desejava mais. (...) Até que sentiu que não suportava mais manter a cabeça de pé (...). Achou finalmente um táxi (...). O modo como o chofer olhou-a fê-la adivinhar: ela estava tão pintada que ele provavelmente tomara-a como uma prostituta. “Persona”. (...) depois de anos de relativo sucesso com a máscara (...) de repente a máscara de guerra da vida crestava-se toda como lama seca, e os pedaços irregulares caíam no chão com um ruído oco. E eis rosto agora nú, maduro, sensível. (LISPECTOR, 1982: 91-93).

A máscara de Afrodite se quebra, pois não lhe serve mais. A “sereia” está se humanizando, adquirindo uma consciência, saindo do mar do inconsciente. O amor só instinto, só corpo que cultivara antes com os seus amantes já não lhe seduz, a *persona* da “prostituta” passou a incomodar. Aos poucos, Lóri aprende a viver o seu cotidiano, não mais só com seu corpo, mas também com a sua alma. Alcança humanizar os seus desejos e dizer para si mesma:

Ia esperar comendo com delicadeza e recato e avidez controlada cada mínima migalha de tudo (...). Por aquele mundo passou a vagar (...), apesar do desejo, não queria apressar nada (...) Então, de súbito se acalmara. Nunca até então, tivera a sensação de calma absoluta. (LISPECTOR, 1982: 130-132).

Lóri alcança humanizar inclusive o seu desejo por Ulisses: “Essa vontade de ela ser de Ulisses e de Ulisses ser dela para uma unificação inteira era um dos sentimentos mais urgentes que tivera na vida. Ela se controlava, não telefonava, feliz em poder sentir”. (LISPECTOR, 1982: 133). O desejo, de irresistível, passa a ser resistível. Na sua odisséia do amor, Lóri alcança os passos do Ulisses homérico e do seu próprio Ulisses, todos amarrados ao “mastro” da consciência, resistindo às forças afrodisíacas do desejo ainda não humanizado, a fim de transformar o amor-instinto e inconsciente, em amor humano e consciente. Essa transformação parece exigir a separação dos amantes, antes da sua re-união, ao final da odisséia do amor. É o que sugerem as histórias de Ulisses e Penélope, de Eros e Psiqué e também de Ulisses e Lóri. Ao longo da aprendizagem, Lóri e Ulisses se encontram com frequência. Contudo, a partir de determinado momento, acontece a vivência de uma separação:

Ele não lhe telefonava, ela não o via: ocorreu-lhe então que ele tivesse desaparecido para que ela aprendesse sozinha. (LISPECTOR, 1982: 123).

E agora era ela quem sentia a vontade de ficar sem Ulisses, durante algum tempo, para poder aprender sozinha a ser. (LISPECTOR, 1982: 132).

Numa relação de amor, impõem-se identificações que precisam ser desfeitas para que um possa ver o outro em suas diferenças. Nas trevas da inconsciência, onde dois se confundem com um, o encontro autêntico é impossível. Este só se torna possível quando as trevas são iluminadas pela luz da consciência sofrida de si mesmo como um indivíduo único diante de um outro também único. É o que tão bem narra o mito de Eros e Psique, através de sofrida aprendizagem. No romance de Clarice, a separação dos amantes também é um sofrimento necessário à aprendizagem, tal como sugere esta conversa ao telefone entre Lóri e Ulisses:

-- Prefiro ficar ainda algum tempo sozinha, mesmo que seja tão difícil.

-- É um sacrifício para mim também. Mas faça como quiser, se é disso que você precisa.

Ela então falou com uma tranquilidade que não conhecia em si mesma:

-- É Ulisses, é disso que eu ainda preciso. (LISPECTOR, 1982: 134-135).

Lóri precisa ficar só para fortalecer sua identidade antes de unir-se com Ulisses, caso contrário corre o risco de diluir-se nessa união. Ela precisa sofrer a separação para aprender sobre as diferenças que os distinguem um do outro e os tornam únicos. E quando os dois voltam a se encontrar, depois de um longo período, separados, Ulisses lhe diz: “Você está pronta, Lóri. Agora eu quero o que você é, e você quer o que eu sou. E toda esta troca será feita na cama, Lóri, na minha casa (...). Você pode vir quando quiser”. (LISPECTOR, 1982: 152).

Lóri está pronta para unir-se com Ulisses, pois se tornou inteira, tem agora corpo e alma para oferecer-lhe. Percorreu a difícil odisséia da união de Eros e Psiqué, desenvolveu sua consciência e tornou-se um ser humano: “Você tinha me dito que, quando perguntassem meu nome eu não dissesse Lóri, mas “Eu”. Pois só agora eu me chamo “Eu”. E digo: Eu está apaixonada pelo teu eu”. (LISPECTOR, 1982: 165). Lóri agora é um “Eu” consciente que ama Ulisses. Ela, enfim, aprendeu a se ver como um indivíduo único e, portanto, não mais corre o risco de diluição ao se unir com um outro. O simbolismo desta união perfeita comparece nas seguintes imagens do sonho de Lóri:

Ela sonhou vendo que a fruta do mundo era dela (...) uma fruta enorme, escarlate e pesada. (...) ela encostava a boca na fruta e conseguia mordê-la, deixando-a no entanto inteira. (...) Pois assim era com Ulisses: eles se haviam possuído além do que parecia ser possível e permitido, e no entanto ele e ela estavam inteiros. A fruta estava inteira, sim, embora dentro da boca sentisse como coisa viva a comida da terra. Era terra santa porque era a única em que um ser humano podia ao amar dizer: eu sou tua e tu és meu, e nós é um. (LISPECTOR, 1982: 167).

Ao fim da odisséia, Lóri e Ulisses chegam inteiros à terra. A imagem de comer a fruta da terra santa relaciona-se ao simbolismo da comunhão: o casamento perfeito. Mas é a frase final que melhor traduz a odisséia do amor de Lóri e Ulisses: “eu sou tua e tu és meu, e nós é um”.

Enfim, esperamos ter demonstrado o quanto, em **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, Clarice Lispector atualiza situações míticas para o contexto do Rio de Janeiro da segunda metade do século XX e o quanto a autora se apropria do mito de **Eros e Psiqué** e, sobretudo, da **Odisséia** de Homero a fim de escrever uma odisséia às avessas.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BRANDÃO, Junito. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 2004-2005, vols. I-II-III.
- [2] HOMERO. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

- [3] LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.